Em torno de uma palestra do professor Ludovico Schewennhagen

I

Refere o dr. Alvaro da Silveira, engenheiro-chefe da Commissão Geographica e Geologica do Estado de Minas, em seu livro «Narrativas e Memorias», o seguinte e interessante dialogo, travado na zona do Oeste de Minas, entre elle e um sr. F. a proposito da lagôa do Ferro existente naquellas longinquas paragens.

F.—Aqui já esteve um inglez, que examinou a lagôa e achou nella muito *fundamento*.

Dr. S.—Que foi que elle achou ?

—Elle disse que no centro da lagôa ha um grande diamante, que vale milhares de contos.

—E o sr., que é condomino desta fazenda, porque não trata de tirar esse diamante ?

—Ah ! Nós não sabemos onde elle está.

—E como é que o inglez soube ?

—Elle nos disse que em uma photographia, que tirou da lagôa, appareceu na chapa uma mancha preta, que só poderia ser produzida pelo diamante collocado dentro da lagôa.

Não pararam ahi as descobertas extranhas, fabulosas, surprehendentes do inglez.

—Aqui neste logar, na beira da lagôa, continuou F., o inglez parou o animal e me disse: 'Eu quero que o sr. me venda um alqueire de terra, no

logar que eu escolher, aqui na beira da lagôa. Diga quanto quer. Pensei um pouco e lhe respondi: «Vendo por cem contos».

Dr. S.—E elle comprou?

—Qual o que! Disse que era muito caro.

—Mas a riqueza consiste só em diamante?

—Não; o inglez contava que aqui na Serra Negra tem uma chaminé de ouro, que dá um ramo para o lado do Patrocinio e vae até Goyaz.

—Chaminé de ouro!

—Sim, senhor. Elle dizia que essa chaminé foi indicada num apparelho.

—Mas elle não vae explorar esse ouro?

—Não sei. Elle quiz fazer contracto com os donos das terras, mas não chegaram a accordo.

—E fica, assim, perdida uma chaminé de ouro!

—E' verdade, só elle é quem sabe onde ella está.

O dr. Alvaro da Silveira conta-nos esse colloquio e accrescenta judiciosamente: «E permanecem nessa dôce illusão, a esperar que o inglez venha comprar as terras por preços fabulosos afim de explorar a chaminé de ouro e tirar o colossal diamante, que lá está coberto pela agua da lagôa».

«O inglez—medium vidente de riquezas mineraes—não se enganava. E elle o disse; elle percebera claramente aquella gigantesca chaminé de ouro; elle farejou o diamante sem igual». «E assim passam a vida, á espera do inglez, comprador da mina; do inglez que é para elles um semi-deus, que vê cousas que nós não podemos ver, que tem, emfim, qualidades que o tornam differente dos demais homens». «Si lhes dizemos que tudo isto não passa de ballela; que não existe chaminé de ouro e que tal diamante é mera fabula, umas vezes fingem acreditar, mas lá no fundo fica inabalavel a sua fé nas descobertas do inglez; outras vezes, respondem com um rizosinho de mofa, assim como quem diz: E's um idiota. Quem és tu em comparação com o inglez?!»

Essa historia, que nos revela um lado interessantissimo da psychologia do *tabaréu* mineiro, mostrando-nos o respeito e a admiração que votam os matutos á omnisciencia do extrangeiro, repete-se, infelizmente, com ligeiras variantes, em todos os Estados da Federação, em todos os meios sociaes e em todos os tempos.

Vibramos de indignação mal contida, todas as vezes que se nos deparam em livros e revistas artigos cujos dizeres denunciam a ignorancia em que está o seu autor das coisas de nossa terra. Quando, porém, um extrangeiro nos sorri, fallando-nos directamente, quando nos dá lição de civismo fingindo-se mais nacionalista do que nós proprios, esquecemos os seus deslizes e acceitamos como verdadeiras as suas idéas por mais absurdas que sejam, sorrindo tambem enternecidos, commovidos, sensibilisados...

Depois da conferencia que fez no Theatro José de Alencar, o Sr. professor Ludovico Schwennhagen passou a ser na opinião do povo, e mesmo no conceito quasi geral dos estudiosos da terra, um ente fadado a reconstruir a historia do Ceará sobre as suas bases reaes; tornou-se o erudito revelador de verdades nunca suspeitadas, o vidente que traçou com mão de mestre a complicada trajectoria das migrações de nossos remotos antepassados, precisando detalhes, dando com segurança as dactas, fazendo, finalmente, uma chronologia exacta e minuciosa dos grandes feitos de nossos maiores. Não nos disse elle ter descoberto objectos extranhos templos mysteriosos, estatuas antiquissimas, achados archeologicos esses de inestimavel valor para a proto-historia brasileira ?

E em torno da personalidade do explorado extrangeiro, em derredor de suas affirmativas dadas á publicidade pelo «Diario do Ceará», estabeleceu-se o mais absoluto silencio, a quietude pezada,

taciturnidade entorpecedora que succedem á revelação das grandes verdades...

Ninguem ousou levantar-se ante a figura do sabio; as suas ideias, unanimemente acceitas, não rodopiaram no remoinho das discussões acaloradas, não provocaram debates nem controversias, que são como que o complemento necessario ás novas hypotheses que surgem...

E no entretanto a conferencia do illustre professor austriaco, cheia de asserções erroneas e conceitos dogmaticos, tem apenas o valor das palestras que os *globe trotters* entretêm, no decurso de suas longas e ousadas viagens, com o fito principal de angariarem auxilio monetario ou apoio moral para o remate da difficil tarefa, que emprehenderam, ou como exhibição dos conhecimentos encyclopedicos do seu autor, nunca, porém, o valor do desdobrar de uma these scientifica.

Theorias e systemas architectados ás pressas e firmados em documentos ou provas frageis e suspeitas, como as que apresentou o professor Ludovico em seu discurso, podem ter a arrebatadora belleza das visões paradiziacas, a pomposa magnificencia dos palacios de mil e uma noites, mas são destinadas, como as construcções de cartas dos brincos infantis, a se esboroarem á primeira investida, a se desmoronarem, a se desfazerem ao primeiro embate.

II

Vivendo ha longos annos no Pará, na região da estrada de ferro de Bragança, teve o philologo austriaco occasião de estudar os immigrantes cearenses, que ahi chegavam em grandes levas, successivas. Notou que seu facies e sua mentalidade differiam completamente dos traços physionomicos e do intellecto do indigena; observou que as

creanças eram, em grande maioria, loiras e deduziu desta sua analyse tratar-se de uma raça branca. *Estudou* a nossa historia, examinou a «epopeia dos descobrimentos», concluindo que o matuto cearense não podia provir nem do hollandez, nem do francez, nem tampouco do portuguez e dahi inferiu que no interior da antiga capitania do Ceará Grande deveria ter existido, antes da chegada dos lusitanos, uma raça branca, intelligente, cujos descendentes eram aquelles intrepidos desbravadores da Amazonia.

No intuito de esclarecer a origem deste povo mysterioso, emprehendeu então pesquizas archeologicas, cujo exito ultrapassou a sua propria espectativa.

Assim conseguiu elle descobrir, no Maranhão um vasto labyrintho; no Piauhy, um globo phenicio, templos subterraneos, vastos santuarios, estatuas sem numero, e com esses documentos, cuja authenticidade, aliás, não provou, concluiu afinal por architectar a hypothese tão inverosimil quanto phantastica de que nos deu conta em sua prelecção do Theatro José de Alencar.

O globo phenicio é, dos achados archeologicos do professor Ludovico, o mais curioso, o mais interessante e talvez o unico digno de uma analyse detida. E' nelle sobretudo que se apoia o philologo austriaco para affirmar a existencia de «uma ligação antiquissima entre os povos do Brasil e os demais das margens do Mediterraneo, pelos phenicios».

Não discutirei a verosimilhança de semelhante descoberta. Esquecendo-se da importancia capital que para o caso apresentaria o conhecimento das condições em que fôra feita a sua inesperada descoberta, isto é, a natureza do terreno, a profundidade em que jazia o objecto encontrado seu estado de conservação e aspecto exterior, etc o professor nada nos disse nesse particular, lim

tando-se a affirmar que tirara da terra, perto do pharol da Amarração, uma esphera.

Acceitemos o facto como verdadeiro. Provaria isso a these do dr. Ludovico?

Não, absolutamente não.

Não basta affirmar que os Phenicios conheciam a redondeza da terra e que usavam, para assignalar as suas estações maritimas, portos ou bases navaes, «um globo com as guias de navegação», é mister provar que, de facto, assim era.

Attribuir antiguidade de quasi vinte seculos a um objecto encontrado á superficie do solo, no delta de um rio como o Parnahyba, que transporta e deposita em sua foz enorme quantidade de detrictos, é ir muito longe no dominio da phantasia...

Os destroços da Troia lendaria de Priamo e de Heitor, tomada em 1184 A. C. (184 annos apenas antes do pseudo convite, que fizeram os Phenicios aos Tabayares) e destruida pelos Acheos, sob o commando supremo de Agamenon, e os restos de Mycenas, sua poderosa rival, que floresceu na mesma epocha ou um pouco antes, 1.300 A. C., foram descobertas pelo benemerito Henri Schliemann a 30 ou 40 metros de profundidade...

Schliemann para recolher os thesouros e as riquezas extraordinarias dos povos decantados por Homero, precisou cavar 30 ou 40 metros; muito mais afortunado, infinitamente mais venturoso, o professor Schewennhagen acha no delta de um rio, quasi á flor da terra, o seu vetusto documento de 20 seculos.

O Labyrintho subterraneo, a Necropole de *Maraom* e o Poço Encantado de Mattões, com que diz ter topado tambem o professor em suas buscas archeologicas, nada valem como prova da influencia phenicia entre indigenas brasileiros.

O Poço Encantado si bem que apresente, em sua disposição, semelhanças longinquas com as necro-

poles phenicias (1)—nunca com um templo, como quer o professor (2)—não foi devidamente explorado para que se possa concluir o que quer que seja a seu respeito.

—«Não accendemos phosphoro, diz elle. No foco de uma fraca lampada electrica que tinhamos pouco se podia ver na escuridão».

Não atino como conseguiu o professor Ludovico descobrir influencia phenicia no estylo architectonico da pyramide de *Maraom* «templo e necropole a um tempo» e no *Grande Labyrintho*; o professor é tão laconico, tão breve, tão exageradamente conciso quando trata de descrever os seus achados...

Os santuarios phenicios eram vastas construcções quadrangulares e não me parece que elles jamais servissem simultaneamente de cemiterio e de templo.

Affirma o philologo que os tupis «não sepultavam os seus mortos para que esses pudessem attender ao chamado de Tupan; collocavam-nos em urnas funerarias».

Mas os filhos de *Baal*, os phenicios, usavam sarcophagos, *mesmo de barro*, que enterravam ou depunham em nichos cavados nas paredes dos hypogeus.

Nos camocins dos cemiterios indigenas não se encontravam nunca as celebres perolas de vidro, as contas coloridas que sahiam das officinas de Tyro e de Sidon; nem taças de metal, nem collares ou pulseiras, nem pingentes ou argolas (tão abundantes nos tumulos da ilha de Chypre e que

(1)—Na Phenicia os sepulchros eram covas naturaes ou artificiaes, outras vezes estavam situados em cavernas subterraneas para as quaes se descia por um poço vertical. Onken, H Universal.

(2)—Os templos phenicios eram construcções quadrangulares, á moda egypcia e geralmente situadas em meio de um pateo. G. Maspero.

eram artigos de intenso commercio) figuravam jamais ao lado dos ossos dos chefes tupys.

Esses factos constituem, a meu ver, argumentos desfavoraveis á opinião sustentada pelo illustre extrangeiro. Como admittir-se que os phenicios, tão religiosos, impuzessem a um povo a sua architectura religiosa e nenhuma acção exercessem sobre seus usos e ritos funerarios?

Quanto ás estatuas de Sumé e Grande Esphinge, lobrigadas no *santuario sagrado onde se reuniam annualmente os sete povos tupys*, eu posso affirmar, louvando-me na opinião de um competentissimo engenheiro, que não existem. O que lá se vê são rochas em decomposição.

O professor, de espirito prevenido, visitou as ruinas das *Sete Cidades* e viu nellas o que bem quiz ver.

Os desenhos, que nos forneceu das suppostas obras de estatuaria tupy, mostra-nos claramente quanta imaginação e boa vontade são precisas para vermos naquelles blocos informes a representação de seres.

As inscripções lapidares, por sua vez, não têm, nem podem ter, a remota antiguidade de 3400 a 3900 annos, nem tampoco o sentido que lhes emprestou o illustre conferencista. Algumas inscripções foram traçadas depois da conquista. Ha na Serra do Ererê, uma petrographia, descripta por C. Hartt, em que nitidamente se distingue traçado o numero 1764. Eu mesmo, em minhas viagens pelo interior do Ceará, encontrei, perto de Itapipoca, pinturas rupestres representativas de bovideos a pascerem. Ora, o gado bovino foi, como é sabido, introduzido no Brasil pelos portuguezes...

Assim sendo, parece-me que a these defendida pelo professor, em sua conferencia, continua a ser a mesma velha these caduca e absurda, que nem as mystificações de Ladislau Netto, nem as acrobacias linguisticas de um Thoron ou de um Pennafort conseguiram acreditar.

III

Destruidas as pretensas provas materiaes em que se firmou o professor para elaborar sua vasta e complexa theoria, reduzidos ao justo valor os seus famosos achados archeologicos, passemos á analyse da parte propriamente doutrinaria da exposição, estudando alguns de seus topicos mais interessantes.

Deixarei sem reparos umas tantas escorregadelas e mesmo graves erros que attribuo ao descuido, aliás perdoavel, do jornalista, que traduziu para o vernaculo a conferencia do professor Ludovico (1).

Escuso-me de commentar, tambem, certos dizeres referentes a Colombo, phrases alegres e ditos jocosos e facêtos com que o professor procurou amenizar um pouco a aridez e a aspereza de sua conferencia, porque apresentam apenas longinqua relação com o thema geral.

Que Colombo tenha achado a America no bolso de Affonso Sanches, de Huélva, ou haja ouvido dos labios moribundos do piloto portuguez

(1) Como por exemplo:

—«Os contrafortes dos Alpes Pyrineos, Hymalaya, montanhas Rochosas para o norte constituem a linha reveladora dessa epocha denominada Glacial». Ora o limite meridional das geleiras, na epocha de seu maximo desenvolvimento (2.ª epocha glacial) era representado por uma linha passando perto de Bristol, Dover, Antuerpia, Magdelbourg, Leipzig, Breslau, Lamberg e Kiev, na Europa. Na Asia ella sobe mais ao norte para descer um pouco para o sul na Siberia Oriental. (Vacher). Na America atravessa a linha as cidades de Nova York, Cincinnati, Louisville e S. Luiz (Branner).

«Os *Quichuas*, que procuraram as ferteis paragens do alto Amazonas e Perú, e mais tarde os *Incas*, os primeiros possuidores de uma historia e uma sciencia quichúa vieram a seguir».

Falla dos *Quichuas* e dos *Incas* como se fossem povos diversos...

a revelação da existencia de terras incognitas ao occidente; que tenha seguido, como pensa Egidien Platz, os conselhos de Martin Behaim, ou haja cedido unicamente á inspiração do seu proprio genio; que sua descoberta seja obra divina, como elle proprio affirmou, ou a resultante natural de seus estudos de geographia, astronomia e nautica, pouco importa; «a gloria de realizar o grande commettimento é toda inteira delle e incomparavel».

O professor, para provar «que ha na historia menção das Sete cidades de *Piracuruca* baralha e mistura os factos.

Identifica *Sete Cidades*, cujo nome indigena diz ser *Cipango*, ou melhor, *Sipango—Sete Cidades*— com a Ilha de sete cidades, das lendas medievas. E accrescenta mais adiante: O «roteiro referido é o mappa de Toscanelli que o rabiscou com 74 annos de idade, escrevendo que para Este ha duas ilhas, *Cipango* e o paiz de *Catahy* (*Catahy*—o matto do grande rio—o Amazonas)».

Septem civitatum insula não é *sete cidades* de *Piracuruca*, nem tão pouco *Catahy* e *Cipango* quizeram jamais dizer, respectivamente, sete cidades e Amazonas.

Os vocabulos *Cipango* e *Cathay* apparecem pela primeira vez em 1295–1298 no mappa contido em o livro de Marco Polo, celebre viajor veneziano, que nunca esteve no Brasil nem nunca aprendeu tupy, e significam simplesmente Japão e China.

A China, aliás, foi sempre conhecida dos povos da bacia do Mediterraneo. Sob a designação de Seres ou Sérica, Sinae ou Thinae ou ainda Sina figura nos livros dos mais variados autores —Horacio, Virgilio, Propercio, Strabão, Pomponio etc. (João do Norte—Sérica).

A obra de Marco Polo, é sabido, serviu de

guia a quasi todos os geographos, cosmographos e doutores da Idade Media que se occuparam da Asia. E é certamente por esta razão que taes designações figuram no mappa de Bianco (1436), no globo de Martin Behaim (1492), e mesmo na carta de Toscanelli de que falla o professor.

«Quando Christovam Colombo pediu ao rei Affonso V navios para ir á America Central, diz o dr. Ludovico, fallou em *Cipango* e *Catahy*. *Cipango* e *Catahy* não eram, porém, para Colombo, como parece querer insinuar o professor, terras do Novo Continente mas certos paizes do Oriente que elle ansiava por attingir, realizando o sonho de então, consubstanciado na formula: «*El levante por el poniente*».

Si Colombo morreu, como querem alguns, na convicção de que a ilha que descobrira era um pedaço da Asia, não é porque fosse «*alrazadissimo*» mas porque era douto, e entre os doutos de então predominava a erronea noção de que a China distava da Europa no maximo 90 graus.

Maravilhado «deante das esplendidas paizagens tropicaes, que se desdobravam pela extensão da terra verdejante», Colombo julgou pizar aquellas estranhas e enigmaticas regiões do oriente, cuja magnificencia e belleza conhecia através dos antigos viajantes Jean de Bourgogne, Marco Polo, etc.

Identificar *Antilia* e *Antilha*, confundir a *Ilha das sete cidades* e a villa de *Sete cidades* de *Piracuruca*, é grave erro no estado actual dos nossos conhecimentos (1).

Os mais recentes escriptos sobre o descobrimento da America por pilotos lusitanos são: o

(1) Vide C. Studart Filho—Povoamento da America—Migrações escandinavas no «Nordeste» e Paul Gaffarel—*L'ile de sept cités et l'ile Antilia.*
(These apresentada ao congresso de americanistas, 1882).

livro de Vicente Lucinio Cardoso—Colombo—e o artigo de Malheiro Dias, publicado no DIARIO DE NOTICIAS. Diz este: «Debalde procurei na carthographia, nas negociações politicas de D. João II, nas concessões aos navegadores, nas referencias dos chronistas, o vestigio convincente do descobrimento precolombiano da America pelos portuguezes». Emquanto que aquelle cathegoricamente «affirma o nenhum conhecimento de terras ou ilhas a oeste dos Açores». (1)

O documento de doação da Ilha de sete cidades a Fernandes Telles, citado pelo dr. Ludovico nada vale, nada significa. Eu poderia, soccorrendo-me de um artigo de Mozart Monteiro, mencionar dezenas de cartas de doação feitas por el rei D. Affonso de terras que nunca foram descobertas...

IV

Sustenta o professor que os matutos cearenses não podem provir do colono europeu, mas sim de uma raça especial de individuos brancos, intelligentes e loiros, cujos *legitimos descendentes* vivem ainda em Goyaz, nas margens do Rio do Sonno; «porque, diz elle, quando estudei a epopea dos descobrimentos jamais encontrei em certo e determinado lugar uma reunião de 200 hollandezes, não podendo por isso admittir que elles tenham podido formar uma sub-raça no longinquo interior, onde não estiveram. Igualmente no Piauhy, onde só foi um grupo de 800 portuguezes, segundo documentos da antiga capitania.

Si no Piauhy viviam 80000 seres e entraram 800 portuguezes, estes poderiam ter feito nova raça?»

Confusos e fracos argumentos em verdade.

(1) Mozart Monteiro—Problemas historicos no JORNAL (do Rio).

Bem mais fracos, incomparavelmente mais fracos são, porém, os conhecimentos de historia do Brasil, que aos nossos olhos patenteia o conferencista.

Não sabe que de 1671 (Basilio Magalhães) (1) ou 1673 (João Ribeiro) (2), datam as primeiras fazendas de creação no Piauhy fundadas por Domingos Affonso, não obstante a opposição, que lhe faziam os terriveis Pimenteiras e Acroas.

Desconhece o intenso movimento de penetração colonizadora que, partindo da Bahia (1590—1690), «galgou as regiões fronteiriças de Pernambuco attingindo o sul do Ceará e Maranhão».

Esquece que o povoamento do nosso Estado se fez sobretudo do sertão para o littoral a custa das familias que vinham principalmente de Pernambuco, durante o dominio hollandez, e depois, de quasi todos os Estados visinhos.

Ignora a acção das bandeiras e entre ellas a de Mathias Cardoso de Almeida (1684—1694), o papel dos creadores de gado, dos intrepidos e corajosos vaqueiros no desbravamento dos sertões de nossa terra.

Olvida tudo isso, e vem nos dizer que os emigrantes que deixam o Ceará, no seculo XX, não podem descender dos colonizadores europeus!...

Indios brancos e loiros, em plena região tropical, descobriu ainda o dr. Schwennhagen.

Existirão verdadeiramente?

E' possivel que sim, pois ha noticia de uma tribu branca, a dos Gaviões, encontrada pela Commissão Americana na vastidão quasi incommensuravel das florestas brasileiras.

Mas d'ahi admittir que esses gentios, alvos e loiros, descendam, como quer o professor, dos tupys brancos que penetraram no Brasil ha 3900

(1)—Basilio Magalhães. Expansão geographica do Brasil até fim do seculo XVIII, Rio 1915.

(2)—João Ribeiro, Historia do Brasil, Rio 1919.

annos, vae uma distancia immensa, um abysmo intransponivel.

Acceitar como verdade essa ideia, que aberra de todo bom senso e distôa de toda a evidencia, seria lançar por terra os ensinamentos da biologia; concordar com essa louca phantasia seria negar a influencia soberana do meio, a acção das condições physicas e biologicas ambientes, crear a independencia do individuo em relação ao seu habitat normal, negar as theorias de G. Saint-Hilaire, seria esquecer as demonstrações de Houssay, ignorar as experiencias de Standfuss e de E. Fischer sobre os insectos, de Kammer e Tower sobre as salamandras (1), desconhecer, finalmente, as tendencias e as conquistas scientificas modernas.

Plastico, como todo ser organisado, o indio branco não podia deixar de soffrer a influencia do meio tropical brasileiro, deste factor, meio, que, na America do Norte, transforma, em poucas gerações, o immigrante europeu na entidade inconfundivel do Yankee; que faz apparecer a steatopygia no colono hollandez da Africa (2); que dá o tom escuro ao arya da India; e que, finalmente, mantem ha 7 mil annos a immutabilidade dos habitantes do valle do Nilo.

Havia entre elles (tupys) a casta privilegiada dos pagés, «anciãos de *grande cultura* e *barbas veneraveis*». Como conseguiu o professor apurar semelhantes factos? A' luz de que conhecimentos poude averiguar taes particularidades? Não nos disse, infelizmente. Não creio que fosse pelo estudo dos gentios do rio do Sômno «seus legitimos descendentes». Não, pois nos assegura o dr. Ludovico o territorio da tribu era vedada ao extrangeiro, a sua taba defesa ao civilisado.

---

(1)—George Matisse—Le mouvement scientifique contemporain en France, Paris 1921.

(2)—A. de Quatrefages, L'espece humaine, Paris 1879.

Pela observação dos usos e costumes dos pa gés da ilha do Maranhão? Não, porque os velh caboclos de S. Luis nada têm que ver com typ loiros, são verdadeiros representantes do *hom americanus*.

E a conferencia a que assistimos é toda ell assim, feita de affirmações dogmaticas, de contr dições e devaneios.

Apresentado como philologo, e ethnologo, pa rece o Dr. Ludovicus desconhecer os trabalhos d Von Stein, Kock-Gruenberg, Enhenreich e Goel sobre linguistica, e divide os nossos aborigen em tupys e tapuias, com evidente despreso p tudo que se ha escripto a respeito do assumpt desde Martius a Capistrano de Abreu.

Que resta a considerar no discurso do profe sor?

Nada ou quasi nada, apenas uma phantas a mais para explicar a origem dos antigos po suidores do nosso solo.

Nem mesmo as pretensas provas da rea dade da Atlantida, que o professor diz existire nos livros *Kantschur* e *Tantschut*, têm valor. Nã li a tal *Biblia do Tibet*, não sei linguas orientae mas conheço a obra através de varios livros sei que lá não se fala em Atlantas, allude-se si a um continente desaparecido, existente outr'o no Pacifico, que bem poderia ser, forçando u pouco, a *Antaretide* de Ameghino e de Osborn, *Continente do pacifico*, de Haug, a *Lemuria* Sclater, nunca, porém, a *Atlantida* de Platão.

Dr. C. Studart Filho.